

### **História, narrativas e representações na escrita do folclore em Goiás.**

Mônica Martins da Silva<sup>1</sup>

A noção de folclore surgiu em meados do século XIX durante processos de organização e formação de nações européias e pode ser considerada como parte de um contexto de problematização da noção iluminista de cultura, considerada como sinônimo de civilização. O Iluminismo irá promover valores de universalidade e racionalidade que terão papéis fundamentais na elaboração deste modelo ideológico no qual as práticas populares eram consideradas como irracionais.<sup>2</sup>

Ortiz considera que o romantismo teve um impacto importante na definição do conceito de cultura popular, pois, ao se opor ao Iluminismo voltou-se para situações particulares, dando ênfase às diferenças e espontaneidade dos sentimentos, aproximando-se também do historicismo e descobrindo, assim, a Idade Média, os romances de cavalaria, os reis, as cruzadas. No entanto, os românticos gostavam daquilo que surpreendia, o bizarro, excêntrico, exótico e pitoresco. E era assim que as manifestações populares eram vistas. A grande diferença na abordagem do estudo das manifestações populares seria a descoberta da cultura popular pelos intelectuais e é na Alemanha onde se torna mais forte. Peter Burke<sup>3</sup> considera que o conceito de cultura popular é nesse período inventado por um grupo de intelectuais alemães, o filósofo Herder e os irmãos Grimm. De fato, esses pensadores são parte de um contexto no qual surge o debate sobre a cultura popular que se travava na Alemanha, na qual, parte da intelectualidade volta a atenção para as tradições populares e através delas procura legitimar uma cultura autenticamente nacional.<sup>4</sup>

Somente na segunda metade do século XIX é que os estudiosos da cultura popular vão se considerar folcloristas, na conclusão de Ortiz, sendo que o próprio termo de origem inglesa representava um novo espírito que procurava definir o estudo das tradições populares como uma ciência. Várias iniciativas

objetivaram demarcar as novas fronteiras do folclore e algumas delas podemos citar a partir de Ortiz como *Folklore Society* na Inglaterra em 1878, o 1º congresso Internacional do Folclore em Paris em 1889, algumas publicações como *Folk-lore Record* e *Folk-lore Journal*.

No Brasil, o movimento folclórico só será articulado a partir das primeiras décadas do século XX, quando as festas e todo um conjunto de manifestações populares estarão envolvidos em debates que buscavam discutir elementos para a nacionalidade brasileira. A ideologia da mestiçagem e a união das três raças passaram a ser as marcas de nossa identidade nacional, tal como pregavam as idéias científicas, naturalistas, positivistas e evolucionistas na época.<sup>5</sup> Como exemplos, podemos citar os estudos literários de Celso de Magalhães, Sílvio Romero e os trabalhos etnológicos de Nina Rodrigues e, um pouco depois, os de Amadeu Amaral. No entanto, nenhum deles pode ser caracterizado como folclórico, visto que o seu estabelecimento no Brasil era muito recente e se confundia freqüentemente com a própria literatura, tal como também acontecia na Europa. Bosí<sup>6</sup> acredita que no Brasil, o tema do cruzamento entre as culturas é proposto especificamente por alguns escritores modernistas, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Raul Bopp e Cassiano Ricardo, os quais acreditavam na fusão de culturas a partir da diversidade nacional.

Se, os anos de 1920 são pontos de partida para os estudos folclóricos, seu auge só será na década de 1950 com a criação da Comissão Nacional do Folclore, em 1947, e da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em 1958. No entanto, esse movimento estará bem próximo da sociologia e da antropologia e com essas áreas irá travar imensos debates<sup>7</sup> pela definição das fronteiras de seu estudo bem como da incorporação ou não do folclore às ciências sociais. No contexto do pós-guerra, a preocupação com o folclore enquadrava-se na atuação da Unesco em prol da paz mundial, porque era compreendido como

instrumento de união entre os povos. De fato, as iniciativas em torno do folclore no Brasil, faziam parte de um processo anterior, mas, é somente nesse período que o debate tornou-se aceso. Exemplo disso foram os inúmeros eventos em torno do folclore, como diversos congressos, seminários, semanas e simpósios.<sup>8</sup>

Em Goiás, a temática do folclore tornou-se autônoma a partir da criação da subcomissão estadual do folclore em 1947 que deu origem, anos mais tarde, ao Instituto Goiano do Folclore. Porém, alguns estudos são apontados como pioneiros nessa abordagem desde o início do século XX como o de Crispiano Tavares, engenheiro mineiro que trabalhou a partir de 1882, por vários anos, em Goiás, na implementação de estradas de ferro e que aproveitou a sua larga experiência de adentramento no sertão goiano para registrar diversos elementos da cultura popular.<sup>9</sup> O texto de Tavares, no entanto, insere-se num estilo bastante recorrente na época de se escrever a história de Goiás pois a temática do folclore compunha não uma narrativa específica, mas um conjunto de elementos que se elegiam para escrever e narrar a história da região como dados de sua geografia, mineralogia, zootecnia, entre outros.

Exemplos semelhantes compõem os textos de Zoroastro Artiaga, Henrique Silva, Moisés Santana e Americano do Brasil, "ilustres" escritores da primeira metade do século XX que partilharam experiência ímpar de escrever para uma revista sobre Goiás, mas com circulação no Rio de Janeiro no período de 1921 a 1935.<sup>10</sup> A revista, considerada um importante documento sobre o período é também fonte sobre outras experiências como a movimentação de uma elite intelectual regional que procurava se configurar e também do esforço de um projeto político que buscava a criação de elementos para uma identidade externa para Goiás. De cunho político e econômico pode ser vista nessa perspectiva, pois se dedicava à análise e descrição de toda a situação do Estado na época. Tinha várias notas geográficas com amplas discussões sobre os limites de Goiás e Mato Grosso, ainda não estabelecidos na época, sobre aspectos econômicos diversos como a pecuária e a riqueza

mineralógica, sobre homens ilustres, infundáveis discussões sobre o sertão, a roça e a lavoura como característicos e identificadores de Goiás. *A Informação Goyanna* certamente era parte de um esforço de articulação de Goiás com o projeto de nação brasileiro já em curso e isso pode ser percebido no discurso sobre o ideal de interiorização através da possibilidade, por exemplo, de tornar os rios, como o Araguaia, navegáveis. Neste periódico, eram comuns informações e orientações de como chegar ao Estado e inúmeras notícias sobre o progresso econômico da região. Havia todo um esforço no discurso da revista de expandir o Brasil rumo ao *Hinterland* e Goiás seria o ponto principal dessa interiorização.

Através das colunas da revista é possível identificar os principais nomes da intelectualidade goiana do período, entre eles, Hugo de Carvalho Ramos, autor de importante obra sobre a cultura goiana (*Tropas e boiadas*) publicada em 1917 e que ganhou maior expressão após sua morte prematura poucos anos depois. Em 1919, Hugo de Carvalho Ramos assinou um interessante artigo para a *Informação Goyana* no qual defendida a idéia da participação de Goiás na exposição do centenário, previamente organizado pela prefeitura do Rio de Janeiro. Para ele, Goiás tinha várias formas de participação, uma vez que seria uma exposição de costumes regionais. Entre os costumes, Carvalho dá ênfase às festas goianas como as Cavalhadas, as danças, os cordões, o congo, a quadrilha, os quais, segundo ele, ainda eram costumes vivos, embora respondesse a críticas, segundo as quais, tais divertimentos evocados pelos goianos já haviam desaparecido a uns trinta ou quarenta anos.

Os textos dessa época partilhavam a idéia de existência de uma cultura popular original que residiria, sobretudo, nos costumes sertanejos vivenciados na cotidianidade, por pessoas comuns. As narrativas privilegiavam também a identificação da contribuição das três raças fundadoras no folclore como em Crispiano Tavares que apresenta as várias contribuições do negro nas

congadas, moçambiques, nas lendas do saci (transformação do caipora), a lenda do Romãozinho, do pé-de-garrafa, do negro-d'água (masculinização da lenda de Iara); as contribuições do indígena como a lenda do boto do Araguaia, do caipora, da catira, do caruru, do batuque bem como as contribuições do branco como as Cavalhadas, Folia de Reis, mula sem cabeça, modas, entre outros. Nesse mesmo contexto é relevante citar Americano do Brasil que, publicou *Cancioneiro e Trovas no Brasil Central*, em 1922, obra comentada em edição crítica cerca de 50 anos após<sup>11</sup>, quando de fato se tornou conhecido do público em geral. Nesta obra, Americano do Brasil dedica uma parte significativa para o estudo das danças populares antigas e atuais revelando um universo plural de folguedos, já inexistentes nos nossos dias, como a dança do batatão, da dor de canela, da canoa e outras conhecidas como o catira, o batuque e o recortado. A experiência como folclorista foi marcante no perfil de Americano, pois escreveu muitos outros textos neste estilo reunidos mais tarde em outra coletânea sobre o romanceiro popular em Goiás<sup>12</sup>. Outra obra relevante neste contexto é a do paulistano José A. Teixeira quem publicou em 1941 *O folclore Goiano* contando, inclusive, com o patrocínio do governo do Estado na época. Tal texto reveste-se de uma originalidade ímpar, uma vez que o folclore ainda era apenas um capítulo de obras inteiras onde se procurava narrar a história de Goiás, sob diversos prismas. Nesta obra o autor faz um inventário bastante completo envolvendo linguagens, religiosidades, medicina, danças, festas, entre outros elementos da cultura regional.

A legitimidade dos estudos do folclore só se firmou, porém, a partir dos anos de 1970, período de consolidação de uma política cultural para Goiás e da definição das principais instituições fomentadoras desta cultura, uma vez que ainda era muito recente a criação de órgãos públicos gerenciadores da cultura iniciados tardiamente nos anos de 1960, na capital Goiânia, construída nos anos de 1930.

Percebe-se neste contexto uma difusão absoluta de narrativas compostas por vários memorialistas locais que procuravam incluir nesse novo

cenário regional elementos da cultura de sua localidade como Abreu<sup>13</sup> e os Costumes de Itaberaí, antiga Currealinho expressos nas histórias de cavalhadas e caras pretas durante a festa de Nossa Senhora da Abadia (Padroeira da cidade) e a do Divino Espírito Santo; como Maximiano da Mota Teixeira<sup>14</sup> e as histórias do norte de Goiás; Wilson Cavalcante<sup>15</sup> e suas histórias sobre carro de boi em Goiás a partir de vivências em Santa Cruz e Pires do Rio.

A publicação e difusão destes textos, porém, não acontecia gratuitamente. Percebe-se que esses memorialistas possuíam grande trânsito nos meios intelectuais da capital o que pode ser percebido pelos vários agradecimentos e menções a personalidades ilustres seja na política como na intelectualidade. Algumas cidades, foram privilegiadas na escrita e divulgação de folclore como é o caso de Goiás que tinha na folclorista Regina Lacerda a grande referência nas publicações sobre os costumes da cidade. Essa escritora vilaboense, foi também, representante legítima do movimento folclórico e quem, além de inúmeros artigos<sup>16</sup>, escreveu vários livros<sup>17</sup>, e representava Goiás nacionalmente, nas questões do folclore.

Em 1972, o movimento do folclore organizou a sua publicação mais elaborada, revelando as tentativas de se implementar estudos e pesquisas no campo do folclore com embasamentos teóricos e empíricos, através da revista *Folclórica*, fundada em 1972, momento no qual o movimento do folclore se solidifica em Goiás sobretudo pela trabalho de Regina Lacerda. O espaço que coube a Pirenópolis neste processo não foi pequeno. O editor da revista folclórica que circulou ininterruptamente por 8 anos, de 1972 a 1979, era simplesmente o jornalista Braz de Pina, membro da importante família pirenopolina que esteve em toda sua trajetória envolvido com os festejos do Divino.

A festa do Divino, neste período, também foi grande inspiradora de inúmeros trabalhos que envolvia além de folcloristas e memorialistas, alguns pesquisadores acadêmicos como o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão autor

de dois trabalhos: o primeiro, *Cavalhadas de Pirenópolis*, que lhe deu o prêmio *Americano do Brasil*, em 1973, publicado no ano seguinte; depois, o *Divino, o Santo e a Senhora*, publicado em 1979. É esse autor, fora apontado pela revista folclórica de 1979 “*como um dos que mais contribuem para a riqueza bibliográfica de Goiás no campo do folclore*”<sup>18</sup> Brandão, embora não fosse propriamente um folclorista, mas um antropólogo, não foi o único a escrever sobre a festa do Divino de Pirenópolis. Mara Públio de Souza Veiga Jardim e Niomar de Souza Pereira, em 1979, lançaram trabalho sobre a festa do Divino em Goiás e Pirenópolis. Niomar, em 1983, lançou o livro *Cavalhadas no Brasil*, com grandes referências à festa de Pirenópolis. Seu lançamento teve direito a ser noticiado no programa da festa daquele ano. Nos anos 80, outro livro sobre Pirenópolis era esperado e noticiado pela revista folclórica: o da arquiteta Grace Curado, *Pirenópolis, Uma Cidade para o Turismo*, que, embora não tratasse especificamente da festa, como qualquer trabalho daquela época não deixou de mencionar algo sobre o festejo.

Em 1972, o setor de folclore do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás organizou um projeto de pesquisa que visava uma divisão regional do folclore para fins de estudo e defesa no Estado de Goiás<sup>19</sup>. A iniciativa parecia ser um pouco diferente daquelas dos folcloristas, sendo que as organizadoras fizeram um levantamento etnográfico, iconográfico e bibliográfico para articular o projeto. Dividiram o Estado em regiões e fizeram um levantamento dos principais aspectos do que consideravam como folclore; as festas, o artesanato, os folguedos populares, além do levantamento de material folclórico para coleta. Na verdade, essa proposta não se diferenciava muito daquela dos folcloristas: estava completamente ligada a eles, ao deixar bem claro que as manifestações culturais goianas eram vistas como algo que precisava ser coletado, conhecido, divulgado e preservado, para não correr o risco de desaparecer.

No campo intelectual, se observou uma explosão de iniciativas e eventos que estimulavam o estudo da cultura popular goiana como os vários

concursos literários, reuniões, congressos e o incentivo a publicações. Só no ano de 1973 doze obras que tratavam de algum aspecto da cultura popular em Goiás estavam no prelo. Na UFG diversos intelectuais estavam ligados direta ou indiretamente ao movimento folclórico, alguns deles vinculados ao museu antropológico, outros ao Instituto de Artes e à faculdade de Educação Física. Os intelectuais do IHGG também estarão diretamente ligados a este movimento, ora através da publicação de artigos na revista do instituto ora através de iniciativas como o I curso de cultura goiana realizado em 1975 com professores membros do IHGG como Basileu Toledo França que lecionou Literatura oral e Ático Vilas Boas que lecionou folclore goiano.<sup>20</sup>

Percebe-se esse contexto que a história de Goiás fora narrada e representada por referências bem particulares deste período em que se procurava pensar o Brasil como uma nação multifacetada e cujos elementos identificadores estavam dispersos em vários focos no centro e interior do Brasil. A escrita do folclore em Goiás é representativa deste contexto, pois, estabelece limites, cria personagens, organiza histórias, estabelece identidades e confere legitimidade para costumes antigos e interioranos, compondo um mosaico cultural para Goiás. Sabe-se, porém, que esses tipos de narrativas frequentemente idealizavam o sertão como maculado, original, autêntico desconhecendo as fronteiras tênues entre o popular e o erudito, o moderno e o tradicional e considerando a modernidade daqueles tempos como uma ameaça aos velhos costumes tradicionais aonde residiria nossa autêntica identidade.

No contexto atual onde os estudos culturais ganharam predominância, a releitura da obra dos folcloristas revela um exercício frutífero de repensar as interpretações atribuídas a nosso passado, pois possibilita rever inúmeros preconceitos direcionados a esses autores considerados ora como conservadores retrógrados ora como ufanistas de um tempo perdido. Atualmente, podemos seguir as pistas das noções de representações e apreender nessas

narrativas folclorísticas, os modos como a nação e as regiões foram pensadas, narradas, elaboradas, imaginadas, sonhadas, vivenciadas e entendê-las dentro de um complexo processo de imaginação coletiva em que o povo e seus costumes representavam o começo de uma história, mas o fim de utopias, sonhos e crenças num tempo de transformações.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela UnB.

<sup>2</sup> Ver ORTIZ, Renato. Românticos e folcloristas. DAVIS, Natalie Zemon Davis, Culturas do Povo, & BURKE, Peter, Cultura Popular na Idade Moderna.

<sup>3</sup> BURKE, Peter op. cit p. 8.

<sup>4</sup> ORTIZ, Renato. Românticos e folcloristas. São Paulo, Olho d'água, s/d. 11

<sup>5</sup> ABREU, Marta. Mello Moraes Filho: Festas, Tradições Populares e Identidade Nacional. In: *História Contada*.Org: CHALBOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1998. P. 171-193.

<sup>6</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das Letras. 1992.

<sup>7</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. V de Castros & VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol 3, nº 5 1990 p. 75-92.

<sup>8</sup> As iniciativas também foram frutíferas em torno das ciências sociais. Em 1953, é realizada a I reunião Brasileira de Antropologia, no Rio de Janeiro, e no ano seguinte o I congresso brasileiro de Sociologia, em São Paulo, além de surgir o Centro de Formação de Pesquisadores fora do ensino oficial.

<sup>9</sup> TAVARES, Crispiano. Contos, Fábulas e folclore (ed. Crítica de Basileu Toledo França) Goiânia, Ed. Oriente, 2ª ed., 1975.

<sup>10</sup> A INFORMAÇÃO GOYANNA.(1917-1935) Goiânia, Agepel, 2001 (CD ROOM).

<sup>11</sup> AMERICANO DO BRASIL, Cancioneiro de trovas no Brasil Central. (ed. Crítica de Basileu Toledo de França)Goiânia, Oriente, 1973.

<sup>12</sup> FRANÇA, Basileu Toledo. Romanceiro e Trovas Populares (Esparsos de Americano do Brasil) – Coleção Documentos Goianos- Goiânia, Editora da UFG, 1979.

<sup>13</sup> ABREU, Edmundo Pinheiro de. Currálinho, seus costumes e sua gente. Goiânia, Oriente, 1978.

<sup>14</sup> TEIXEIRA, Maximiano da Matta. Outras Estórias de Goiás-Lendas, Terra, Gente. Goiânia, Unigraf, 1983.

<sup>15</sup> NOGUEIRA, Wilson Cavalcante. Mestre Carreiro. In: A Folclórica n. 8 . Goiânia, IGF, 1980.

<sup>16</sup> LACERDA, Regina. Traços da Cultura Portuguesa em Goiás. In: *Rev Brasileira do Folclore*. Rio de Janeiro, MEC, 1968.

<sup>17</sup> Idem, *Folclore Brasileiro-Goiás*- Rio de Janeiro, MEC, 1977.

<sup>18</sup> Revista Folclórica nº 7 ano 8/ 1979.

<sup>19</sup> GARCIA, Marcolina Martins & BREDA Judite Ivanir. Divisão Regional para o estudo e defesa do folclore no Estado de Goiás. Goiânia, Cegraf, 1972.

<sup>20</sup> MUZA (Museu Zoroastro Artiaga) Documentação avulsa do Instituto Goiano do Folclore.